



AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA E TECNOLOGIA: VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DE INTERNET EM SALA DE AULA

Data de recebimento: 13/04/2017

Aceite: 26/05/2017

Juliana Marschal RAMOS (UF)¹

Luís André Gonçalves WERLAN (UFRGS)²

Rosi Ana GRÉGIS (UF)³

Resumo: A inclusão das novas tecnologias na aprendizagem de língua materna e de língua estrangeira tem sido apontada como uma ferramenta importante em sala de aula, seja como um auxílio para o professor ou como mediador na aprendizagem do aluno. Neste trabalho, o objetivo é entender se a internet exerce influência na aquisição de inglês como língua estrangeira. Com base em autores como Zhao (2005), percebe-se que os recursos tecnológicos permitem aos alunos um contato com a língua-alvo e seus aspectos culturais em situações reais. Para comprovar tais afirmações, a pesquisa foi aplicada com duas turmas de um projeto de extensão de uma universidade do Sul do Brasil, nas quais foram ministradas aulas com e sem recursos tecnológicos. Os dados coletados através de provas, uma inicial e outra final, foram corrigidos e sistematizados a fim de avaliar o aprendizado de inglês e comparar os resultados de ambas as turmas. Além disso, o andamento das aulas foi registrado em relatórios, para propor novas práticas, utilizando tecnologia, nas salas de aula de inglês. Através dos resultados, é possível depreender que, ao falarmos do uso de tecnologia, os fatores internos e externos podem influenciar nesse processo, e não apenas a internet. Motivação e o contexto social dos alunos fizeram diferença nos resultados da nossa pesquisa.

Palavras-chave: Aprendizagem. Tecnologia. Segunda língua.

Abstract: The insertion of new technologies in a mother and a second language learning has been pointed out as an important tool in the classroom, may it be as an assistance to the teacher or a moderator to the student's learning process. In this work, the goal is to investigate if the internet exerts influences during the second language acquisition. Based on authors such as Zhao (2005) we realize that technological resources allow the students to work with the target language and its cultural aspects in real situations. In order to verify such statements, the research was applied to two groups of students who were part of a project from a university in the South of Brazil. To each group was given classes with and without technological resources. The data was collected through tests which were applied at the very beginning and at the end

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português, Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Feevale.

² Doutorando em Design (UFRGS), possui graduação em Desenho Industrial / Programação Visual pela UFSM, mestrado em Gestão Tecnológica - Qualidade Ambiental pela Universidade Feevale e MBA em Gestão de Instituições de Ensino Superior pela UCS / COMUNG.

³ Possui mestrado (2003) e doutorado (2007) em Letras - Linguística Aplicada - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou período de estudos - Doutorado Sanduíche - na Universidade de Essex, Reino Unido, sob a orientação do professor Roger Hawkins, com bolsa da Capes, em 2007. Tanto sua dissertação de mestrado quanto sua tese de doutoramento são focadas no ensino e aprendizagem de Inglês como língua estrangeira. Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Feevale. Atua tanto na graduação em Letras como no Mestrado Profissional em Letras dessa instituição.



of the course and were corrected and systemized, so that we could evaluate their learning acquisition experience and compare their results. Furthermore, the progress of the classes was registered so that we could propose other ways of teaching English, making use of new technologies. Based on the results, we were able to verify that when we are dealing with the use of new technologies we realized that not only the internet, but also the internal and external factors may influence this process. The students' motivation and social environment made a difference to our results.

Keywords: Learning. Technology. Second language.

1. Introdução

O surgimento e a expansão da internet modificaram a forma como realizamos tarefas e como fazemos uso da linguagem. É possível notar que o acesso à internet tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Uma pesquisa disponibilizada no site G1³ afirma que 13% dos lares brasileiros possuíam internet banda larga em 2008. Já em 2015, uma pesquisa realizada pelo IBGE⁴ e publicada no site da BBC declara que mais da metade da população brasileira teve acesso à internet nesse período.

O uso de recursos tecnológicos na aquisição de uma língua estrangeira vem sendo estudado por autores como Zhao (2005), que defendem que a internet permite que os alunos sejam expostos aos materiais produzidos em contextos reais de uso da língua-alvo, o que torna a aprendizagem efetiva. Diversos conteúdos, como reportagens, vídeos, entre outros, são disponibilizados em língua inglesa, o que torna essa ferramenta uma oportunidade de imersão na língua-alvo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também apresentam essa situação ao afirmar que

É inegável que aumenta cada vez mais a possibilidade de acesso às redes de informação do tipo Internet, como também as exigências do mundo do trabalho passam a incluir o domínio do uso dessas redes. O conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para se poder participar ativamente dessa sociedade em que, tudo indica, a informatização passará a ter um papel cada vez maior. (PCNs, 1998, p. 87)

³ Dados retirados de <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL730922-6174,00.html>. Acesso em 19/07/2016.

⁴ Texto na íntegra: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb. Acesso em 19/07/2016.



Esta pesquisa foi motivada pela necessidade de verificar se as novas tecnologias, em especial a internet, influenciam no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Neste artigo buscamos compreender como ocorre a aquisição da língua inglesa quando aliada ao uso de internet nas aulas. Esse processo de aquisição de uma língua estrangeira (LE) ou de segunda língua (L2) é definido como a aprendizagem de uma língua adicional posterior à língua materna, de acordo com autores como Ellis (1996) e Saville-Troike (2012).

Além disso, este estudo propõe ideias de práticas pedagógicas utilizando recursos tecnológicos em sala de aula, com o intuito de apresentar os benefícios da inclusão da tecnologia no ensino-aprendizagem, pois os estudantes estão conectados em seus celulares, *tablets* e computadores na maior parte do tempo. Prensky (2001) define-os como “nativos digitais”, pois nasceram na era da informação rápida e utilizam os recursos tecnológicos em diversas atividades.

A coleta de dados foi realizada com 43 alunos com faixa etária entre 15 e 20 anos, estudantes de ensino médio e participantes de um projeto de extensão de uma universidade no Rio Grande do Sul. A pesquisa foi aplicada nas aulas de língua inglesa da grade curricular do curso e os alunos realizaram um teste inicial e um final contendo os conteúdos apresentados em aula, a fim de medir os conhecimentos prévios e o desenvolvimento dos alunos até o final do semestre letivo.

Dessa forma, o artigo será dividido em 5 seções. Na primeira, alguns conceitos sobre a aquisição de segunda língua serão apresentados a partir de Ellis (1997), Crystal (2003) e Saville-Troike (2012). Na segunda, abordaremos o contexto histórico e a situação atual do ensino de língua inglesa no Brasil, para, em seguida, discutirmos sobre o uso de tecnologia em sala de aula, baseado em autores como Zhao (2005) e Warschauer & Meskill (2000). Na quarta seção, apresentaremos a metodologia utilizada neste projeto de pesquisa. Por último, os dados obtidos serão analisados e discutidos, considerando as teorias estudadas como ponto de partida.

2. Aquisição de segunda língua

A definição de aquisição de segunda língua vem sido discutida em estudos e pesquisas ao longo dos anos. Ellis (1997) relata que o conceito parece simples, mas exige atenção ao ser



explicado. “Segunda língua” é um termo que descreve a aquisição de uma língua posterior a língua materna.

Crystal (2003, p. 61) aborda os conceitos de primeira língua (L1) e segunda língua (L2) utilizando a língua inglesa como exemplo. Segundo o autor, “L1 engloba as pessoas que têm uma variedade de inglês como primeira língua ou língua materna. L2 representa pessoas que estão aprendendo uma variedade da língua como segunda língua, além da língua materna delas”⁵.

Conforme Saville-Troike (2012, p. 02), a aquisição de segunda língua é um termo utilizado para nomear a aprendizagem de uma língua posterior à língua materna. A autora ainda explica que “a língua adicional é chamada de segunda língua (L2), mesmo que ela seja a terceira, a quarta ou a décima adquirida”⁶.

Pensando sobre o ambiente em que ocorre a aquisição da L2, Saville-Troike (2012) discorre que a aquisição pode ocorrer tanto em ambientes formais como em ambientes informais. No primeiro caso, a aprendizagem ocorre no contexto da língua materna do aluno e o contato com a segunda língua ocorre em sala de aula. No segundo caso, o aprendiz tem contato com a língua-alvo e pode interagir com falantes nativos.

3. Ensino de língua inglesa no Brasil

Em 1809, a partir do decreto assinado pelo príncipe Regente de Portugal, o ensino da língua inglesa no Brasil se tornou obrigatório. Além disso, foi ordenada a criação de escolas das línguas inglesa e francesa. Nessa época, a língua francesa era ainda considerada a “língua universal” e era, também, requisito obrigatório para a entrada em cursos superiores. Tendo em vista as relações com nações estrangeiras, principalmente com a Inglaterra, e o mercado de trabalho da época, a língua inglesa começou a se destacar à medida que os profissionais precisavam do conhecimento linguístico para uso prático. Durante o século XIX, o inglês foi

⁵“L1 stands for people who have a variety of English a first language, or mother tongue. L2 stands for people who have learned a variety of English as a second language, in addition to their mother tongue”. (Tradução dos autores)

⁶“The additional language is called a second language (L2), even though it may actually be the third, fourth or tenth to be acquired” (Tradução dos autores)



retirado da grade curricular, retornando em 1996, através das Leis de Diretrizes e Bases (LDB), que afirmavam ser necessária a inserção de uma LE no ensino fundamental.

A partir de 1998, a educação passa a ser regida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O foco do ensino de língua estrangeira é a habilidade de leitura, sendo a escolha justificada “pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes” (PCNs, 1998, p. 21).

Mesmo com o retorno da língua inglesa nas escolas, o ensino desse idioma ainda é focado no ensino de estruturas gramaticais e na aquisição de vocabulário, principalmente através de frases descontextualizadas. Hoje, percebemos que, não muito diferente de décadas atrás, os professores ainda ensinam a língua-alvo da mesma maneira. Contudo, devemos levar em conta que os professores encontram dificuldades e limitações para o ensino das quatro habilidades linguísticas em sala de aula. Em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Data Popular para a *British Council* (2014, p. 12), o ensino de língua inglesa no Brasil é resumido a “noções iniciais das regras gramaticais, leitura de textos curtos e desenvolvimento da habilidade de resolver testes de múltipla escolha voltados para o Vestibular” (British Council, 2014). Nos PCNs essa situação é justificada da seguinte forma:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. (PCNs, 1998, p. 21)

4. Uso de tecnologia em sala de aula

Com o intuito de incluir recursos tecnológicos nas salas de aula, o Ministério da Educação criou a Portaria nº 522 em 09/04/1997. O PROINFO⁷, inicialmente chamado de Programa Nacional de Informática na Educação, garante que as escolas públicas de nível fundamental e médio, tanto da rede municipal quanto da rede estadual, tenham acesso aos computadores e que seus profissionais serão capacitados para usar todos os recursos disponíveis, visando aprimorar propostas pedagógicas. Além disso, o projeto busca a

⁷ Para mais informações sobre o PROINFO <http://portal.mec.gov.br/proinfo/proinfo>. Acesso em 19/07/2016.



capacitação de jovens e adultos para o mercado de trabalho, através das tecnologias de informação. A partir de 12 de dezembro de 2007, o projeto passou a ser chamado de Programa Nacional de Tecnologia Educacional, através da criação do Decreto nº 6.300.

O impacto do uso das novas tecnologias vem sendo estudado por diversos autores em diferentes áreas. Alguns pesquisadores que estudam tecnologia e aquisição de língua estrangeira são Zhao (2005) e Warschauer & Meskill (2000).

ZHAO (2005, p. 23) analisa diversas pesquisas na área de aquisição de segunda língua e reporta que uma das vantagens do uso de tecnologia é o fato de que o aluno terá acesso à língua em situação real de uso. De acordo com o autor, o acesso e a exposição a materiais autênticos na língua-alvo podem auxiliar no sucesso da aprendizagem.

WARSCHAUER & MESKILL (2000) apresentam um pouco da história da pesquisa em aquisição da linguagem utilizando recursos tecnológicos, estudos que encontraram motivação nos anos de 1970. Para avaliar se o uso de tecnologia era eficaz ou não, utilizava-se um estudo comparando aulas com computadores e outras sem, como foi realizado na metodologia deste trabalho. Os autores apontam que alguns fatores foram ignorados na realização desses estudos. O primeiro é que o computador não é um método, mas sim um equipamento. O segundo é que não devemos pensar na tecnologia apenas para ensinar alguma língua, mas que devemos pensar em quais tipos de linguagens devemos ensinar aos alunos para possibilitar a interação na internet. Além disso, os autores apresentam as vantagens do uso da internet em sala de aula, explicando que o computador permite que os alunos se preparem melhor para comunicações multiculturais e tenham acesso à ambientes virtuais de comunicação internacional.

5. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com 43 alunos, entre 15 e 20 anos, estudantes do Ensino Médio, tanto de escolas públicas como particulares da rede de ensino.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de dez aulas utilizando recursos tecnológicos e outras dez em que apenas o professor contava com esses aparatos. A principal diferença entre as duas turmas era que uma poderia usar celulares e computadores móveis, os quais projeto disponibilizava, e a outra poderia consultar somente materiais impressos e



dicionários. O grupo que utilizou tecnologia em sala de aula era composto por 20 alunos, enquanto que o outro contava com 23.

Cada plano de aula era composto por um tópico gramatical e por um aspecto cultural. Fizeram parte dos conteúdos relacionados à gramática alguns tempos verbais como presente simples, futuro simples, futuro contínuo. Os tópicos culturais trabalhados nas oficinas eram sobre festividades típicas, como *Halloween*, *Saint Patrick's Day* e *Valentine's Day*.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma prova inicial e final, contendo 20 questões de múltipla escolha, que contemplavam conteúdos das aulas, como gramática, cultura e vocabulário. As aulas foram aplicadas no primeiro semestre de 2016. A turma que utilizou tecnologia nas aulas era composta por 20 alunos e a turma que assistiu as aulas tradicionais, sem consultas na internet, era composta por 23.

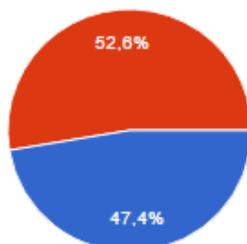
Os dados coletados através dos resultados das provas e de relatórios das oficinas foram sistematizados e analisados. Na próxima seção, iremos detalhar os resultados obtidos com base nas teorias estudadas.

6. Análise e discussão dos dados

No início das aulas, os alunos realizaram uma prova que testava os conhecimentos referentes às questões de gramática e vocabulário de língua inglesa. Logo no início da prova, os discentes deveriam informar se já tinham tido contato com a língua inglesa fora do contexto da escola regular. O local em que este contato ocorreu não foi questionado.

Conforme apresentado no gráfico 1, da turma A, que utilizou tecnologia em sala de aula, 47,4% (9) dos alunos já haviam tido contato com a língua inglesa em outros ambientes, enquanto que 52,6 não. Apenas um aluno não respondeu a esta pergunta.

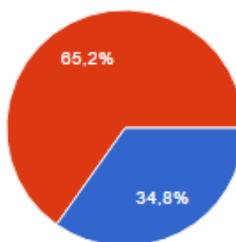
Gráfico 1: Contato com a L2 fora do contexto escolar regular (Turma A)



Fonte: Elaborado pelos autores

No gráfico 2, apresentamos a quantidade de alunos da turma B, que foi o grupo que não utilizou ferramentas tecnológicas nesta pesquisa. Dos 23 alunos, 15 (65,2%) afirmaram não ter contato com a língua-alvo em outros contextos de aprendizagem, enquanto que 8 (34,8%) já haviam estudado inglês em cursos ou outros ambientes.

Gráfico 2: Contato com a L2 fora do contexto escolar regular (Turma B)



Fonte: Elaborado pelos autores

Os instrumentos avaliativos, que serviram como coleta dos resultados desta pesquisa, foram corrigidos e contabilizados, a fim de mensurar como foi a evolução na aprendizagem dos alunos. A hipótese inicial era testar se a turma que utilizou tecnologia apresentaria um número maior de acertos da primeira prova para a última em comparação com a turma que não utilizou os recursos, para avaliarmos se a tecnologia faria alguma diferença nessa evolução. Ao final da contagem dos acertos de cada uma das turmas, obtivemos os resultados que estão dispostos na tabela 1.



Tabela 1 - Quantidade de acertos

Turma A (com tecnologia)		Turma B (sem tecnologia)	
Prova inicial	Prova final	Prova inicial	Prova final
249	285	301	328

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme pudemos perceber a partir dos resultados das provas iniciais e finais, ambas as turmas tiveram um avanço significativo se compararmos o número de acertos da primeira prova e da última. Nossa hipótese inicial foi parcialmente alcançada. Os alunos que utilizaram tecnologia foram expostos a mais conteúdos na língua-alvo, realizaram as tarefas propostas em aula de maneira mais rápida e autônoma, além de apresentarem um avanço considerável no número de acertos. Contudo, a turma que não utilizou tecnologia também demonstrou uma evolução positiva na aquisição do inglês. Nossas observações são baseadas tanto nos resultados da tabela 1 quanto nos relatórios que foram redigidos a partir das aulas.

Com relação aos alunos da turma B, é importante ressaltar que, devido a falta do uso de computadores ou outros meios tecnológicos, esses aprendizes acabaram por socializar entre si, discutindo possíveis respostas, traduções e significados, conforme suas dificuldades. Além disso, eles tiveram a possibilidade de utilizar dicionários físicos, embora pouco procurados, assim como tirar dúvidas com os professores.

É perceptível, portanto, perceber a tecnologia também como meio facilitador das soluções de problemas, neste caso, comunicacionais. A tecnologia utilizada, de forma autônoma, pelos alunos da turma A serviu como apoio para o seu desenvolvimento em sala de aula, ajudando em seu rendimento nas atividades. Outros meios tecnológicos, como multimídia, foram utilizados em ambas as turmas para mostrar vídeos, séries, músicas etc. como forma de dar maior variedade de *input* aos alunos.

Ao final da prova final com a turma A, os alunos deveriam responder um questionário com perguntas dissertativas sobre como se sentiram utilizando tecnologia nas aulas, seu rendimento em sala de aula e atividades que gostaram de realizar. Uma das questões pedia que os alunos refletissem se o uso de computadores ajudava na aprendizagem. Caso a resposta fosse



afirmativa, eles deveriam explicar de que forma as tecnologias ajudaram eles neste processo. Das 20 respostas, selecionamos apenas 07, a fim de evitarmos possíveis repetições. Na tabela 2, apresentamos algumas dessas respostas.

Tabela 2 -Respostas dos alunos

Sujeito	Você acredita que as aulas utilizando os computadores ajudaram na aprendizagem? Se sim, de que forma?
S1	Sim, porque na dúvida sobre alguma coisa, fica mais prático de descobrir e tirar dúvidas com o computador.
S2	Sim, podemos pesquisar na hora o que nos está faltando além de prender mais a nossa atenção.
S3	Sim, pois nos ajuda a ver o significado de alguma palavra e fazendo mais rapidamente um trabalho.
S4	Eu acho que para mim facilita, pois as vezes preciso de uma informação rápida.
S5	Sim, pois os jogos trazidos eram divertidos e ajudavam na fixação do conteúdo.
S6	Um pouco, mas também atrapalhou, pois às vezes era tentador jogar no computador ou assistir vídeos no YouTube.
S7	Sim, acho que a pesquisa na internet dá mais liberdade e confiança para o aluno ter mais vontade de correr atrás das coisas.

Fonte: Elaborada pelos autores



Conforme os relatos dos alunos, percebemos que a possibilidade de pesquisar o significado das palavras e a busca por informação rápida são as principais vantagens do uso de tecnologia, pelo ponto de vista dos aprendizes. Mattar (2010, p. 14) explica que a *geração net* aprende trabalhando em grupo e interagindo, pois são interativos, exploradores e têm expectativa por aprendizados relevantes. Os alunos mostraram-se confortáveis com a possibilidade de trazer contribuições para as aulas, assim como afirma o sujeito 4 ao falar que precisa de informação rápida e que a internet possibilitou isso em sala de aula.

O sujeito 7 relata a liberdade e a confiança adquiridas ao utilizar tecnologia nas aulas. Sobre isso, Mattar (2010, p. 60) discorre que o estudante não é mais visto como tendo um papel passivo na aprendizagem e professores esperam que eles tenham um papel ativo e reflexivo. Para que ocorra essa mudança, é preciso pensar nos papéis e em como eles estão sendo desenvolvidos em sala de aula. O professor deverá ser o mediador e não mais o transmissor de conhecimentos. Collins também analisa o papel do professor ao afirmar que ele

[...] orienta e capacita os alunos a descobrirem fatos, processos e conceitos necessários para completar a compreensão de um tema e usar na escrita de um trabalho, criar um plano ou executar um projeto. Há evidências de que os alunos se tornam capacitados e engajados nas atividades que eles realizam usando computadores. (Collins, 1991, p. 23-28)⁸

Lightbown & Spada (2010) explicam que alguns fatores como motivação, personalidade, idade e estilos de aprendizagem podem influenciar na aprendizagem de uma segunda língua. Porém, as autoras afirmam que é difícil medir a motivação, por exemplo, em coletas de dados. Pensando tanto no ambiente de aprendizagem quanto nas características individuais dos alunos, alguns fatores podem ter influenciado para que chegássemos a este resultado. O primeiro foi a diferença no nível de conhecimento linguístico na língua alvo, pois os alunos da turma B demonstraram ter noções básicas do idioma, mesmo sem utilizar computadores e recursos *online* para realizar consultas.

⁸ “The teacher guides and empowers students to discover the facts, processes and concepts necessary to complete their understanding of a topic and to use this in writing a paper, creating a plan, or carrying out a project. There is strong evidence that students become empowered and engaged in the activities they carry out while using computers”.(Tradução dos autores)



Entre muitos pontos positivos encontrados na utilização da internet em sala de aula, um deles é a possibilidade de usar vídeos na língua-alvo, pois esses conteúdos expõem os alunos aos sons e à forma como as palavras são utilizadas em um contexto real. Nas oficinas, optamos por utilizar os vídeos em língua inglesa e disponibilizamos legendas em português. Sobre o uso de vídeos em sala de aula para promover discussões, os autores Barton e Lee (2015, p.207) afirmam que “as virtualidades multimodais do site (YouTube) são especialmente valiosas para estudantes de línguas de todos os tipos que podem praticar fala, escrita e audição”. Os autores sugerem até mesmo a criação de materiais que possam ser disponibilizados na rede.

Os planos de aula da turma que utilizou tecnologia nem sempre eram compostos por atividades *online*. Algumas das atividades propostas eram competições entre equipes, em que os alunos deveriam ir ao quadro responder as questões, porém essas perguntas poderiam ser pesquisadas em celulares e computadores. Além disso, a turma era levada a refletir sobre o uso de recursos como filmes, vídeos e conteúdos disponíveis na internet para melhorar a aprendizagem de uma língua estrangeira, como no plano de aula em que eles leram o texto “Como os filmes podem ajudar a ensinar e a aprender inglês”⁹, retirado do site *British Council*. Em grupos, os alunos recebiam um trecho do texto e deveriam escolher qual título que estava projetado no quadro se encaixava naquela parte.

Nesta pesquisa, citamos várias vantagens do uso de internet em sala de aula, como o tempo utilizado para resolver as atividades e a exposição aos materiais que continham o uso real da língua-alvo. Todavia, faz-se necessário que as desvantagens também sejam explicadas neste espaço. A principal dificuldade encontrada nas aulas era conseguir ajudar os alunos a focarem nas atividades, pois muitos se dispersavam facilmente com a quantidade de sites e conteúdos disponíveis, como afirma o sujeito 6 (tabela 2). Além disso, muitas escolas ainda não possuem equipamentos e acesso à internet e, quando os têm, muitos deles não funcionam. Os professores acabam enfrentando dificuldades como poucos computadores para turmas com número elevado de alunos e nenhum acesso à internet.

Diante dessa experiência, achamos essencial ressaltar que o professor precisa ter domínio sobre essas ferramentas tecnológicas, para que se perceba a contribuição da tecnologia na aprendizagem da língua estrangeira. É necessário que o docente esteja preparado para lidar

⁹Para ler o texto na íntegra, acesse <https://www.britishcouncil.org/voices-magazine/how-can-film-help-you-teach-or-learn-english>. Acesso em 19/07/2016.



com algumas dificuldades dos alunos, com as falhas técnicas que ocorrem nas máquinas e que sempre tenham alternativas em relação ao seu plano de aula (CHARTIER, 2002).

Quanto às propostas de interpretação de texto, os alunos que se utilizaram dos computadores, tiveram a possibilidade de procurar pelo significado de palavras que não conheciam de maneira mais simplificada, auxiliada pelo fácil acesso a dicionários *online* nos sites de busca. Os dicionários físicos para aqueles que não podiam usar a internet, também serviram como apoio em diversos momentos. Segundo Cobb (2009), computadores multimídia “podem expandir a quantidade, variedade, acessibilidade, transportabilidade (...) e contextos para o *input* escrito”¹⁰. É imprescindível, na busca pelo significado de palavras, sua colocação e compreensão dentro de um contexto.

A compressão textual deve-se muito à compreensão do léxico que forma um texto. Em língua inglesa, 80% do léxico de um texto compõe-se por até 2000 palavras, consideradas as mais frequentes (Cobb, 2009). A questão deixada pelo autor é se os alunos de língua inglesa, em um nível relativamente avançado, têm conhecimento total destas 2000 palavras ao ler um texto. Há de se debater o quanto a prática de leitura tem a oferecer para o aluno de língua estrangeira, abrangendo cada vez mais um número maior de palavras e contextos.

Desta maneira, uma maior exposição ao *input* da língua estrangeira pode oferecer condições que propiciam um maior desenvolvimento lexical do aluno e, por consequência, uma melhor interpretação semântica do conteúdo de um texto em L2.

7. Considerações finais

Neste artigo buscamos avaliar de que forma as novas tecnologias auxiliam na aquisição de inglês como língua estrangeira, em um contexto regular de ensino. A partir dos resultados, depreendemos que ambas as turmas obtiveram resultados satisfatórios nas provas e que houve melhora no desempenho, porém constatamos que com o auxílio das novas tecnologias as atividades foram realizadas de forma mais rápida e o aluno pode ter um papel mais ativo e ser mais autônomo durante sua aprendizagem. Também é perceptível que os alunos se sentem a vontade para pesquisar e tirar dúvidas na rede, o que torna as aulas mais dinâmicas.

¹⁰“They can expand the quantity, variety, accessibility, transportability, modifiability, bandwidth, and context of written input...” (Tradução dos autores)



Conforma explica Mattar,

Os jovens de hoje passam boa parte do dia assistindo à televisão, na Internet e jogando games. Diferentes experiências resultam em diferentes estruturas cerebrais. Devemos pensar em uma neuroplasticidade ou plasticidade do cérebro. O cérebro dos nossos alunos mudou fisicamente. Processos de pensamento linear retardam o aprendizado dessa nova geração, que possui mentes hipertextuais”. (Mattar, 2010, p. 11)

A partir da percepção de que os alunos se tornam mais ativos e passam a ter mais autonomia em seu aprendizado utilizando essas tecnologias, se torna importante refletir sobre qual é o papel do professor nessa nova configuração de sala de aula. Paiva discorre que

O professor poderá ser qualificado ou não; autoritário; apoio; um conselheiro; um conhecedor; um pesquisador; um facilitador; um consultor; um tutor; um auxiliador; um controlador, um treinador, um negociador e em contextos da língua estrangeira, um modelo bom ou não de linguagem, muitas vezes, o professor é o único falante competente da LE que o aluno tem contato. (Paiva, 2005, p. 11) ¹¹

Além disso, nos preocupamos em trabalhar a inclusão digital e ver como a educação precisa ser repensada a partir dos avanços tecnológicos. Como afirma Conti (2003, p. 207), precisamos mudar a maneira de aprender e ensinar na esfera escolar, pois estamos diante de grandes mudanças na sociedade atual, tais como na esfera de trabalho, das relações interpessoais ou das possibilidades de participação e exercício da cidadania. Todas essas mudanças ocorrem pela maneira como as informações passaram a circular através das novas tecnologias.

Ao pesquisarmos sobre ensino e tecnologia, encontramos algumas dificuldades: uma delas é como manter tantos alunos concentrados nas atividades diante de tanto conteúdo atrativo que a internet dispõe. Uma das soluções foi a supervisão constante do andamento da realização dos exercícios. Também, tivemos que estar sempre nos atualizando e reciclando as ferramentas e os *sites* que utilizávamos sala de aula, pois essas mudanças ocorrem rapidamente no meio tecnológico.

¹¹ “The teacher might be qualified or non-qualified; authoritative; supportive; an advisor; a knower; a researcher; a facilitator, a consultant, a personal tutor, a helper, a counselor, a controller, a coach, a negotiator, and in FL contexts, a good or not-so-good language model as, many times, the teacher is the only competent FL speaker the learner has contact with”. (Tradução dos autores)



Este assunto ainda precisa ser muito explorado, porém observamos que os alunos se sentem à vontade para fazer tarefas pela internet e que o tempo de realização delas era muito mais rápido do que por materiais impressos. Essas observações podem se justificar talvez pela faixa etária dos sujeitos que participaram da pesquisa. Outras pesquisas podem ser realizadas com o intuito de entendermos como ocorre a aprendizagem de línguas estrangeiras utilizando tecnologias em sala de aula. Outra sugestão de pesquisa futura pode ser investigar qual ferramenta, tais como *tablets* e celulares, apresentam mais rapidez na sala de aula de LE. A partir destas investigações, pesquisadores poderão propor novas práticas de ensino e questionamentos para um melhor entendimento deste assunto, tanto por parte dos professores quanto dos aprendizes.

8. Referências

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 2015. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial.

BRITISH CONCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**. Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular; 1ª Edição. São Paulo, 2014. Disponível em <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf>. Acesso em 19/07/2016.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COBB, Tom. Necessary or Nice? Computers in second language reading. In: Han, Z. H., Anderson. **Second Language Reading: Research and Instruction**. Mahwah, Nj: L. Erlbaum. P. 44-172.

CONTI, Davi Faria de. MOOCS: Alternativa ao capitalismo rápido ou seu subproduto? In: Adolfo Tanzi Neto (et. al); ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conect@ad@: os multiletramentos e as TICs**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2. Ed. Cambridge University Press: 2003.

ELLIS, Rod. **Second language acquisition**. Oxford University Press, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.

LIGHTBOWN, Patsy N. SPADA, Nina. **How languages are learned**. 3 Ed. Oxford University Press. 2010



MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**: Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MATTAR, João. **Games em educação**: como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

NAVES, Rozana Reigota; VIGNA, Dalva Del. **Os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil**. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/29/20>>. Acesso em: 02/03/2016.

O ensino de língua inglesa no Brasil. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10439/10439_3.PDF>. PUC-Rio. Acesso em: 15/02/2016.

PAIVA, V.L.M.O. Autonomy in second language acquisition. *SHARE: An Electronic Magazine by Omar Villarreal and Marina Kirac* N. 146, ano 6, May 6th 2005.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, Digitalimmigrants**. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 20/07/2016.

PRODANOV, C. FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo – RS: Editora Feevale, 2009.

PROINFO. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo>>. Acesso em 11/05/2016.

PELLANDA, Nizze M. Campos. **Ciberespaço**: Um hipertexto com Pierre Lévy. Artes e ofícios, 2000.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. **O ensino da língua inglesa no Brasil**. In: Babel: Revista eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras. Nº 1. 2011. Disponível em: <http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf>. Acesso em: 13/07/2015.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **Introducing Second Language Acquisition**. 2nd ed. 2012. Cambridge University Press.

WARSCHAUER, M., & MESKILL, C. (2000). Technology and second language learning. In J. Rosenthal (Ed.). **Handbook of undergraduate second language education** (p. 303-318). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

ZHAO, Yong. (Org.) **Research in technology and second language learning**: developments and directions. Connecticut: Information Age Publishing, 2005.